



I EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE CONCRETA: 1 – O GRUPO DE SÃO PAULO  
Ferreira Gullar e Oliveira Bastos

[...]

Assim é que, mesmo dentro de um grupo, em que pese as constantes que o definem, pode-se distinguir cada artista, com suas soluções e qualidades peculiares. Por exemplo, entre os paulistas, ninguém confundirá Sacilotto e Fiaminghi, muito embora sejam os que têm mais acentuado o sentido pragmático da experiência pictórica. Num como noutro, o quadro é construído de modo a que seus elementos componham, em função do tempo, novas estruturas; mas enquanto Fiaminghi se limita a trabalhar no plano, no bidimensional, Sacilotto acrescenta ao plano uma função mais: a tridimensionalidade.

[...]

Por isso mesmo é que, o quadro onde Fiaminghi consegue maior funcionamento dinâmico dos elementos, não apresenta essa diferença de matéria: são formas brancas e pretas (triângulos) sobre fundo cinza. O fundo desse quadro é excessivamente duro, opaco, e muito embora o artista consiga nele o que pretendeu, não criou um quadro belo, sensível. Esse descuido da cor, esse desinteresse pela valorização das qualidades pictóricas, como dissemos no início, é comum a todos os do grupo paulista, e a razão disso está na sua excessiva preocupação com as virtualidades formais. É preciso, a meu ver, que uma coisa não exclua a outra.

Excerto crítico publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1957. Suplemento Dominical, p. 9.